

## Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón Milão, 19 de dezembro de 2012.

*Texto de referência: Capítulo 6 de Na Origem da Pretensão Cristã, Ed. Companhia Ilimitada, São Paulo 2010; Carta à Fraternidade, 1º de novembro de 2012.*

- *The Things That I See*
- *O Mistério*

*Glória*

**Carrón:** Tínhamos deixado como trabalho observar na nossa experiência alguns dos traços daquilo que diz o capítulo sexto do livro *Na origem da pretensão cristã*, porque de outro modo não fazemos uma experiência como a dos discípulos com Jesus; o resultado não é o mesmo se a pessoa faz um raciocínio ou comentários sobre o texto ou se faz a experiência dos apóstolos. Uma pessoa com quem conversava esta semana, me disse: “Comecei a questionar, lendo a primeira página do capítulo: neste mês, quem descobrimos ao perguntar *Quem é este homem?*”. Lemos essa pergunta muitas vezes, mas será que alguma vez nos surpreendemos, diante de alguém, dizendo espontaneamente: *Quem é este?*. “Quero contar uma coisa muito simples que me aconteceu e que confirmou aquilo que você disse na última Escola de Comunidade quando propôs o trabalho sobre o capítulo: ‘Não tentemos fazer comentários sobre o texto, mas observar situações em que aconteceu algo daquilo que ele diz, porque se é uma experiência, deve ser possível fazê-la agora, se não, não podemos fazer o caminho [...] através do qual o Mistério revelou verdadeiramente a sua pretensão única’. Uma noite, meu filho começou a me contar que a namorada o havia deixado. Enquanto ele falava eu percebia alguma coisa dentro de mim – por causa da maturidade, da verdade e da correspondência com a qual falava com o coração sobre aquela circunstância – pela qual era evidente que algo tinha acontecido. No fim, quase com lágrimas nos olhos, olhei para meu marido e disse: *Quem é este homem?*. E, de repente, lembrei das primeiras linhas do texto de Escola de Comunidade, quando Giussani diz: ‘A excepcionalidade do comportamento de Jesus era tal que a evidência do seu contexto familiar e da sua história pessoal não serviam mais para defini-lo. Assim, surgia a pergunta *quem é este homem?*’. Fiz experiência disso porque ouvindo meu filho, dizia a mim mesma: eu o conheço, sei quem é e como é feito, conheço seus limites e seus defeitos. Mas, a um certo ponto, precisei ceder a uma Presença que naquele momento tornava-se presente para mim através dele. Este é meu filho, mas não é mais meu filho. É verdade que sem fazer muitos raciocínios foi evidente para mim reconhecer o Mistério presente, porque naquele momento era o que mais correspondia, era a única resposta que podia dar àquilo que estava me acontecendo [como diz a Escola de Comunidade: ‘A sua inimaginável resposta se adequava à evidência que dele emanava’]. Através deste fato também estou aprendendo a amar a Escola de Comunidade, porque agora entendo o que é para mim, que não são apenas palavras sem sentido, mas a chave que me permite abrir as portas para entrar com uma hipótese positiva dentro da vida”. Somente se alguém faz essa experiência, através de fatos desse tipo, gestos implícitos e concretos, reais, pode entender: cria-se o contexto que lhe permite entender. Quando nós ignoramos os fatos que alargam cada vez mais a razão, chega um momento em que nós não entendemos mais, não porque não temos a inteligência para entender ou porque de repente nos tornamos estúpidos; não, simplesmente porque não podemos entender: o método descrito pela Escola de Comunidade é tão decisivo que sem ele não é possível entender de modo razoável aquilo que Dom Giussani nos diz. Tornam-se apenas frases das quais a pessoa não consegue encontrar comparação com a experiência que faz. E, por isso, repetimos que é preciso estar atentos aos fatos, porque é através deles que a pessoa entende. De fato, como diz Giussani, “uma definição deve descrever uma conquista já acontecida”. Quando alguém nos dá uma definição (que é aquilo que normalmente fazemos) tenta nos fazer entender através de uma explicação. Só que cada um deve fazer a comparação entre como se coloca na vida e como Jesus se coloca com a Sua pedagogia. Nós, muitas vezes, partimos da definição; mas Dom

Giussani diz que se a definição não é uma conquista que já aconteceu na minha experiência, não a entendo, a reduzo e a transformo, como acontece em muitas ocasiões, na “imposição de um esquema”. Por isso, nessa pedagogia é crucial estarmos atentos a todos os sinais através dos quais Ele se revela. E, por isso, no último encontro terminamos relendo o texto de Guardini: “a revelação da divindade [não acontece] através de manifestações impetuosas e ações grandiosas, mas num contínuo e silencioso transcender os limites das possibilidades humanas”. E vocês foram convidados a encontrar na experiência os sinais desse contínuo e silencioso transcender das possibilidades humanas, porque senão, se não encontramos traços disso, então o que Dom Giussani nos diz fica sendo apenas uma “palestra” dele, e o cristianismo fica relegado ao passado, mas muito passado! Ao contrário, muitas vezes são os últimos que chegaram que nos mostram como é verdadeiro aquilo que Guardini afirma, como essa universitária que, assim que encontrou os nossos amigos, reconheceu: “Cerca de um mês atrás finalmente aconteceu uma reviravolta em minha vida. Finalmente, depois de dias e meses de total apatia, encontrei algo tão bonito e grande que não pude mais permanecer no ponto em que estava antes. E onde eu estava? Vivía os dias esperando que eles passassem depressa, sem ter a mínima percepção daquilo que estava acontecendo ao meu redor e, sobretudo, dentro de mim. Vivi o mês de setembro ansiosa e angustiada, com medo do primeiro dia de aula na universidade, não imaginando que o que me esperava era a maior descoberta, a descoberta de mim mesma, de que sou verdadeiramente, que eu estava adormecida e esquecida. Graças a uma colega do colégio, em setembro consegui entrar na universidade e Alguém, tenho certeza disso, quis dar-me o presente inesperado que mudou a minha vida e pelo qual sou grata: ter assistido a apresentação do meu curso feita por alguns universitários no dia 20 de setembro (lembro-me até a data) e ter conhecido aquelas pessoas logo depois, no pátio, deixou em mim uma sensação que ainda me comove [dentro de um limite foi acrescentado algo que ainda a comove]. Aquelas pessoas me impressionaram mesmo sem saber nada sobre elas, sobre o Movimento, Dom Giussani ou Carrón, porém, era possível perceber que havia algo diferente, aquela familiaridade entre eles não era óbvia [uma familiaridade; seria normal, mas alguém que acabou de chegar percebe a diversidade: não era óbvia]. Voltei para casa contente por causa da experiência que fiz e um pouco mais certa do curso que tinha escolhido. Durante a primeira semana de aula, minhas colegas me disseram: ‘Vamos à Escola de Comunidade. Quer vir conosco?’. Eu, instintivamente, fui com elas, movida pela curiosidade [...]. Tenho lembranças vivas da Escola de Comunidade, mas sobretudo de como me senti quando terminou, pois a única coisa que conseguia dizer era: ‘Que bonito! Nunca vi ou vivi uma coisa assim!’. À noite, me perguntei: por que, no meio de tantas pessoas na universidade, encontrei exatamente essas do Movimento? É apenas um acaso, ou Alguém quer alguma coisa de mim? [...] A todos aqueles que criticam, aos amigos com os quais precisei me confrontar e que, no início, não entendiam (muitos ainda são céticos), posso dizer apenas obrigada, porque se eles não tivessem se oposto com suas razões eu não teria encontrado as minhas, não teria ido até o fundo. A contestação dialética me obrigou a raciocinar, a me confrontar, explicando a mim e a eles aquilo que encontrei. [...] Isso, a meu ver, é o sinal mais tangível da presença de Cristo. Não são tanto as discussões que se possam fazer a respeito, mas a beleza que transparece de todas as pessoas que encontrei nestes meses”. Para essa jovem, aquele contínuo transcender os limites das possibilidades humanas era algo tão concreto que não podia deixar de reconhecer. Chegaram muitos testemunhos como este, cada um focando sobre um ponto. Como aquele que destaca o ponto em que o texto de Escola de Comunidade, descrevendo os passos desse percurso, se detém no fato de que Jesus insiste no pedido. “Fiquei muito tocado quando você sublinhou como Jesus insiste no pedido. Mas o que me impressionou é que isso não tem uma conotação negativa (como o termo ‘insistir’ pareceria subentender), mas totalmente positiva. Jesus insiste no pedido. Por que é razoável seguir? Jesus insiste no pedido. Para minha felicidade [não é que insiste no pedido, como muitas vezes interpretamos, por causa de um moralismo; não, insiste no pedido para a minha felicidade!]. Isso ficou evidente para mim pelo modo como você o disse, a sua certeza me impressionou, mas isso não era suficiente e me perguntei como eu poderia confirmar se era verdade [é esse o trabalho a fazer] que Jesus insiste no pedido para o meu bem [se não verificamos isso na experiência, como diz Giussani, não podemos resistir na fé porque tudo diz o

contrário, e nós perdemos a vida, embora sigamos]. Olhei para a minha vida e me surpreendi com o reconhecimento de que quando o Senhor me tirou algo querido era para que eu me ligasse mais a Ele. Quantas vezes, na minha vida, aconteceram problemas muito grandes, inclusive nos relacionamentos mais significativos, e dizer ‘sim’ ao modo como Deus se apresentou a mim significou sempre um ‘a mais’. Aquilo que perdi sempre abriu a um cântuplo imprevisto, como com tantos amigos perdidos, com tantos que foram embora, e isso torna mais aguda a pergunta sobre o que me faz permanecer. Jesus insiste no pedido para fazer-me saborear a vida [senão, não seria razoável, porque este é o paradoxo do cristianismo: quanto mais alguém se envolve no relacionamento com Ele (que parece tirar algo) mais saboreia a vida: ‘Quem me segue, terá o cântuplo’]. Hoje não consigo responder de outro modo se não surpreso e grato pelo fato de que tudo aquilo que perdi é infinitamente menor do que o que ganhei, do gosto que tornou-se familiar de um modo como nunca teria pensado. Que Jesus insista na proposta significa simplesmente que quer que eu me agarre a Ele, e essa é a única coisa que importa [quer dizer que Ele deseja a nossa felicidade]”. Por isso, Dom Giussani continua o percurso até chegar à questão central do eu quando diz “por causa d’Ele”. Há uma documentação quase elementar disso, como escreve um de vocês: “Há alguns dias, no escritório, uma colega, falando de si, disse: ‘Eu me mudei para esta cidade por causa de meu marido’. Naquele preciso momento relatei com aquilo que diz o texto da Escola de Comunidade sobre o progressivo revelar-se de Cristo, quando se coloca no centro da afetividade e da liberdade de seus discípulos: por causa d’Ele. É normal que o homem, em seu modo de agir e em suas escolhas, afirme um motivo ou uma causa que os determinam”. A questão é qual é essa causa, a pessoa por causa da qual se está disposto a fazer essa passagem. Mas isso é apenas o início, como escreve outra pessoa: “Conto um fato muito simples que, porém, para mim foi mais uma vez, decisivo. Na última Escola de Comunidade, quando você nos desafiou a documentar qual era a pretensão de Jesus, senti-me realmente tocada na vida e, mais do que de outras vezes, lembrei-me com frequência durante o dia daquilo que você disse. Uma noite, meu marido, que tinha chegado tarde do trabalho, saiu para ir ao ensaio do coral. Fiquei de novo em casa sozinha com as crianças, uma delas com gripe e a pequena (com menos de dois meses), depois das dez, começou a chorar sem parar. No início me mantive firme, por volta das onze e meia comecei a dizer a mim mesma que o coral era uma coisa bonita e que estava tudo bem, à meia-noite e meia estava com raiva, não me segurei mais e comecei a pensar: ‘Meu marido não tem consideração por mim, não olha para mim, não me percebe’. Quando ele chegou, eu estava muito cansada para discutir, e por isso, de um modo duro fiz com que ele se desse conta da hora, e fui dormir. No dia seguinte, porém, a questão ainda não estava encerrada e não bastava eu achar que tinha razão. Continuava pensando que queria dizer mais coisas ao meu marido, em suma, fui ficando mais furiosa e me fechando em mil questionamentos, não estava satisfeita. Mas, de repente, me perguntei: se ele tivesse chegado antes, a minha dificuldade teria sido resolvida, a minha impotência teria sido resolvida? E percebi que não teria sido suficiente meu marido chegar antes. Minha dificuldade era maior, meu grito era maior, minha impotência era maior, minha solicitação era maior do que isso e, então, me perguntei: de quem é o olhar que eu desejava ontem à noite? É suficiente o de meu marido? Quando sou realmente feliz? Quando descanso? ‘Jesus se impõe à pessoa no âmago dos sentimentos naturais e se coloca, com pleno direito, como sua raiz verdadeira: *Aquele que ama o pai ou a mãe mais do que a mim, não é digno de mim* [alguém que percorre todo o caminho humano e vê que isso não basta, começa a entender que quando Jesus se coloca no coração dos próprios sentimentos naturais não é para meter o nariz onde não é chamado, para interferir, exatamente ali, na nossa toca, mas porque está ali, na profundidade do eu de cada um de nós, onde se manifesta qual é nossa verdadeira necessidade]. Não, nem mesmo os meus afetos mais caros me bastam [não é que se coloca ali onde ninguém deve meter o nariz; não, é que ninguém mais basta a você mesmo ou a você mesma!]. Olhar para meus afetos sem reconhecer, antes de tudo, a ligação com Quem me faz agora, apenas gera em mim uma pretensão, e parece que os estou traindo. Muitas vezes toquei Jesus com as mãos: ‘Ser Tua é a minha única possibilidade de ser feliz, é o Teu olhar que desejo. Tu também me querias ontem à noite e agora me queres assim como sou, e meu marido e filhos são o sinal desse abraço, não porque sejam sempre adequados, mas porque Tu os fazes agora como caminho para

mim' [Somente quando alguém aceita percorrer todo esse percurso pode chegar a reconhecer a presença de Cristo não como interferência, mas como graça]. Naquele momento, naquele instante, fui mudada ['fui mudada': é a partir disso que verificamos que a fé é uma experiência presente, confirmada por essa mudança, sem a qual não podemos resistir em um mundo onde tudo diz o contrário], estava contente, tudo me foi devolvido, e me senti envergonhada em descobrir com que pretensão tinha olhado aqueles relacionamentos tão queridos. Eu caio um dia sim e o outro também, e parece que sou realmente como Pedro, que um instante antes é totalmente de Jesus e um depois – como você diz – pensa que Deus se distraiu e entra com a sua medida. Mas, agora, esse meu limite não me engana mais, porque pouco a pouco estou descobrindo que Ele é irredutível e continua a me solicitar e a me corrigir na realidade. E vi que o meu desejo é infinito e que só Jesus pode realizá-lo. Jesus é Aquele de quem tenho necessidade agora, nesse momento. E sinto amor e paixão por cada rosto, caminho e aspecto do caminho que devo percorrer!". Percorrer o capítulo da Escola de Comunidade de dentro da experiência é a única coisa que pode nos fazer entender qual é a promessa que ele carrega. É muito diferente fazer comentários sobre o texto e reviver – como vimos – a experiência que um outro faz.

*Colocação: Conto o meu percurso. Antes e depois de tomar conhecimento dos fatos que envolvem alguns membros do Movimento, vivi dias marcados pela dor e pela consternação, e foi mais uma vez ocasião de constatar como o pertencer a este povo é constitutiva, toca as fibras profundas do meu ser. Todavia, como não seria possível saborear a beleza da luz sem a percepção dramática do escuro, do mesmo modo estou amadurecendo a consciência de que não poderia experimentar de modo tão pleno e profundo aquela “febre de vida” que Dom Gius nos comunica contínua e incansavelmente sem atravessar o deserto dentro de mim que é deste mundo e que não me é estranho. Quando fui chamada a enfrentar esse sofrimento, Jesus vem até mim e me pede para fazer-Lhe companhia diante da cruz. É o Mistério, que irrompe segundo uma modalidade que desafia a minha razão, que faz com que eu não viva minha fé de modo farisaico ou burguês. Por isso, acolher a mim mesma coincide com acolher o Mistério e, portanto, acolher a realidade na sua verdade. Mas eu não teria descoberto tudo isso sem seguir o caminho que Dom Gius nos indica. Nesse sentido, participando da Escola de Comunidade de hoje, entendi melhor o significado de um evento importantíssimo que aconteceu comigo durante os anos de universidade, quando o encontrei pessoalmente. Não é “apesar do nada que sou”, mas exatamente “em virtude e dentro disso” que a minha responsabilidade, sem personalismos ou “desempenho de papéis”, jogou-se até o fundo em obras nascidas dentro dessa história comum, inclusive a minha família, e pude dar-me conta de que a vida na fé do Deus vivente é realmente uma obra prima.*

**Carrón:** Obrigado. A propósito dos fatos que estão acontecendo, leio o testemunho de outra pessoa (que ficou abalada e fez um percurso): “Partindo dos fatos acontecidos nestes dias, desejo contar com um exemplo como o trabalho de Escola de Comunidade está me ajudando a estar diante daquilo que acontece, e desejo também fazer uma pergunta. Na Escola de Comunidade do dia 31 de outubro me tocou muito a maneira como você comentou o trecho do Evangelho que fala do apóstolo que, empunhando a espada, arrancou a orelha de um dos guardas que foram prender Jesus. Você concluiu dizendo: ‘Esse é o modo normal com o qual nos relacionamos com a realidade’. Isso me tocou, embora não entendesse onde essa questão tinha a ver comigo, porque não conseguia encontrar na minha experiência fatos e circunstâncias que conduzissem a esse exemplo. Nunca teria imaginado como isso tem relação comigo. E os fatos desses dias me revelaram isso. A raiva era tanta, que comecei a enviar emails aos amigos para gritar meu desprezo. Entre as respostas que chegaram, duas em particular me irritaram mais ainda: diziam que é nessas circunstâncias que é possível ver quem é o Senhor para mim. Eu experimentava uma grande dificuldade, típica de quando nos obstinamos em defender uma posição que em nosso coração sabemos bem que não é verdadeira [‘em nosso coração’: quando o coração funciona – e funciona! – não é que podemos fingir, não é que podemos brincar]. O caruncho desse incômodo que me deixava em grande dificuldade fez-me lembrar o episódio da orelha cortada e de repente entendi como era verdadeiro aquilo que você disse: estava brandindo a minha espada ao invés de olhar para a verdadeira natureza

daquilo que estava acontecendo. E qual era a verdadeira natureza do que estava acontecendo? Que o Mistério se propõe nas circunstâncias desafiando-me até o fundo de mim mesmo, perguntando-me: ‘Para o que você dá importância realmente? A que você é ligado? Você dá mais importância a mim, ao fato de que todos podem Me encontrar ou a uma forma construída por mãos humanas?’. Esse desafio nos faz estremecer, pois o passo seguinte é que podem nos impedir de fazer qualquer coisa, mas então a minha vida, a minha pessoa, as nossas pessoas podem se tornar para o mundo inteiro espetáculo da vitória de Cristo através de uma humanidade mudada. E está ligada a isso a pergunta que eu quero fazer. Nestes meses, a minha vida foi dominada por duas evidências: de um lado, o contínuo evidenciar-se de que tenho um monte de limites e de que preciso de tudo, de que sou incapaz de coerência (para dizer um pouco como São Paulo: faço o mal que não quero e não o bem que vejo e que desejo); por outro lado, experimento o fascínio e a atração suscitados pela humanidade de pessoas que pertencem totalmente a Ele. Entendo que o espaço que há entre essas duas evidências é o terreno, o campo onde a minha liberdade se joga, mas frequentemente à noite me envergonho pelo modo como passei o dia esquecido d’Ele. Por que isso acontece? Por que essas duas evidências, que deveriam levar a aderir ao bem que vejo, não são suficientes? Qual é o ponto de correção que me é pedido?”. O ponto de correção que é pedido é, simplesmente, deixar-se novamente atrair pelo fascínio que aconteceu, porque isso nos permite reconhecer os nossos limites exatamente porque – como dissemos na carta depois do Sínodo – “o cristão não está apegado a nada a não ser a Jesus”. Exatamente por causa desse fascínio, podemos olhar nossos limites e podemos olhar os limites daquilo que fazemos, porque qualquer tentativa nossa, embora feita com toda a boa vontade, será sempre limitada, como qualquer tentativa humana, e não porque fazemos as coisas de modo errado. Portanto, o que há de estranho nisso? É como nos surpreendermos de que a fragilidade seja frágil e que a tentativa humana seja, exatamente, uma tentativa humana. Dom Giussani usava uma expressão da qual gosto muito porque define muito bem a questão: a nossa é uma tentativa “irônica”, sempre imperfeita, sempre cheia de limites. Então, o problema não é que não aconteçam certos fatos, porque vemos muitas pessoas que diante de tudo o que acontece, amadurecem, reconhecem ainda mais a graça que lhes é dada e, portanto, crescem neste fascínio, não são derrotadas por suas derrotas, porque é aqui que se vê a diversidade que Cristo gera. E isso permite corrigir aquilo que eventualmente é preciso corrigir. Precisamos estar sempre disponíveis à modalidade com a qual o Mistério que fascina nos guia, porque podemos ser privados de certas coisas, mas ninguém pode nos impedir de testemunhar a beleza d’Aquele que nos encontrou, como o povo de Israel que foi levado ao exílio e isso tornou-se ocasião de testemunho entre os pagãos. Qual é o problema? Como vocês veem, o Senhor lança a pretensão, para nós e para a nossa conversão, para o nosso pertencer cada vez mais puro, cada vez mais límpido a Ele. Não porque podemos dar menos testemunho, mas para que possamos dá-lo de modo mais vibrante, segundo um desígnio que não é o nosso. “Nas últimas Escolas de Comunidade locais das quais participei, tive uma certa dificuldade por causa de como se falou sobre os recentes fatos dolorosos que nos envolveram. Pareceu-me, pelas colocações feitas, que o problema era defender o Movimento, respondendo que ele não foi prejudicado em nada – e isso é muito claro para mim – ou atenuando a questão. Ouvi frases do tipo: ‘Não estou escandalizado pelo que aconteceu, nós somos iguais a todos os outros, e, como os outros, erramos’, ou: ‘O que aconteceu me recoloca mais rapidamente no caminho’. Ouvi dizerem que essas colocações são o sinal de que estamos caminhando bem. Eu não sei como estou caminhando, mas tenho a percepção do escândalo e da responsabilidade também diante dos outros que nos olham. Não dizemos sempre que o cristianismo deve ser visível nos nossos rostos e nas nossas ações? Eu, embora compreendendo algumas colocações, longe de reduzir minha dificuldade a um juízo sobre as pessoas, tenho a sensação de que o fato de estarmos preocupados em não envolver a nossa experiência com aquilo que acontece é um modo de não olhar isso de frente até o fundo, para evitar uma pergunta que para mim é urgente e que agora faço a você: por que, embora educados por Dom Giussani no caminho do cristianismo de modo tão iluminado e com tal testemunho, erramos? Qual é o ponto em que e por causa do qual paramos de seguir e nos adequamos aos critérios do mundo? E ainda: se somos iguais aos outros em tudo e por tudo – como me foi dito – para que serve a experiência do Movimento?”. São questões que, como

vocês veem, ultrapassam os limites em que podem se encontrar alguns, e atingem o centro da experiência de cada um, porque se não encontramos resposta para essas perguntas não vemos a razoabilidade última da fé. Para que serve a experiência o Movimento? Ou, em outras palavras, para que serve ser cristãos? Por isso, nós não devemos subestimar o desafio, se não o olhamos até o fundo e não o julgamos, então permanecemos com o vírus da suspeita (“No fundo, vale realmente a pena?”). Por isso, este ponto é decisivo. O Senhor poderia ter-nos poupado esse desafio, mas, como dissemos tantas vezes, isso é para nosso amadurecimento. E amadurece quem aceita o desafio que chega da realidade, dos fatos, para além do fato de quem tem razão ou não. Todos nós ouvimos o desafio, mesmo que tenha sido através das notícias que se espalharam. Nosso pertencer nos permite olhar os fatos? Que tipo de pertencer é o nosso? Se pertencêssemos a um lugar ao qual para pertencer fosse preciso negar os fatos, não seria humano. Por quê? Para o que fomos educados? Voltemos à terceira premissa de *O senso religioso*: amar a verdade mais do que a nós mesmos. Se não somos educados a olhar a verdade mais o que a nós mesmos e a amar a verdade mais do que a nós mesmos, significa que nós não seguimos a proposta que nos é feita! E, assim, não somos capazes de estar diante da realidade. Somente se nós amamos a verdade mais do que a nós mesmos, podemos realmente não sucumbir às opiniões, às interpretações, e podemos aderir à realidade assim como é e reconhecer o bem que há nas pessoas e aquilo que pode existir de errado elas. Se não julgamos isso, permanecemos no lodo. Vemos isso constantemente em outros aspectos da vida. Façamos um exemplo que nos ajude a entender. Vejamos o que acontece na sociedade quando diante da questão do aborto, se diz: “Procuramos fazer leis que justifiquem o aborto para que cada um possa ter legitimidade ao fazê-lo”. Vocês conheceram mulheres que abortaram? Esse ajuste legislativo resolveu o problema do relacionamento com elas mesmas? O maior juiz que temos é o nosso coração (mesmo se nos iludimos de que é subjetivo). E como nesse exemplo, acontece com tudo. Por isso, se não nos educamos a esse reconhecimento, será difícil termos paz. É exatamente isso que o Papa nos testemunhou em tantas ocasiões. Por isso, ajudarmo-nos neste caminho é fundamental, como nos testemunham agora duas contribuições com as quais concluo. A primeira: “*O Onipotente fez em mim grandes coisas*. O Senhor se serve de tudo, toma tudo e devolve centuplicado. Eu e meu marido [que faleceu] nunca ficamos sozinhos, e a Providência nunca deixou faltar o seu amor e a sua companhia através dos rostos dos amigos que nos apoiaram. Muitas vezes nos carregaram literalmente nos braços. Poderia fazer aqui uma lista de exemplos. Assim, nunca tivemos medo diante da vida ou da morte. Disseram-me: ‘Seu marido sempre foi realista’. Em uma nota de despesas ele escreveu: ‘Estar na experiência. Uma estrada desenhada, basta seguir os sinais’. Encontrei isso quando fui organizar as coisas depois da sua morte. Houve momentos duros, mas tomados pela mão, fomos acompanhados a olhar aquilo que estava acontecendo. Pensei: quando você nos diz para estarmos na realidade o que quer nos comunicar? Depois, entendi. Quer dizer estar dentro da experiência, isto é, estar dentro daquilo que aprendo olhando para o que está acontecendo, porque dentro daquilo que estava acontecendo comigo, conosco, ali dentro havia a presença do Mistério que faz todas as coisas”. E a segunda: “Que terríveis e belos são os tempos para nós! Todo o bem que aconteceu permanece e ninguém pode eliminá-lo. Continuava repetindo para mim mesma que o bem recebido era um dado objetivo, que a experiência não era eliminada, mas o resultado era que eu não conseguia ficar em paz. Estava cheia de dor e incrédula [‘Não conseguia ficar em paz’: o mal machuca. São coisas que dizem respeito a todos. A todos, porque diante de certas coisas, a coisa mais terrível é que se nós não fazemos o caminho que nos torna mais certos, permanece uma sombra em nós e, depois, seremos incapazes de ajudar os outros a superar as dificuldades], e em última análise, não estava presente na realidade, diante meus filhos e em casa. Sentia-me como os discípulos de Emaús: triste, porque abandonada. Depois, reli o sexto capítulo de *Na origem da pretensão cristã* e, enquanto lia, era como se Jesus estivesse me perguntando, como aos seus discípulos, se eu estava disposta a colocá-lo no centro da minha afetividade e liberdade também nessa circunstância, se estava disposta a reconhecê-Lo, amá-Lo, segui-Lo, porque o bem recebido até aquele momento era o Bem com letra maiúscula, isto é, Ele. E disse a mim mesma: eu, honestamente, ainda posso fazer experiência desse bem? Sinceramente, o que pode impedir que reaconteça? Há algo ou alguém que não me permite vê-Lo e dizer ‘sim’? Então, peguei a carta que

você nos escreveu depois do Sínodo, e li muitas vezes o texto de Giussani sobre o seguir [porque esse é o caminho através do qual podemos nos colocar ainda mais certos]: ‘Seguir é o desejo de reviver a *experiência* da pessoa que nos provocou e nos provoca com sua presença na vida da comunidade, [...] é o desejo de participar da vida daquela pessoa na qual lhe foi trazido algo de Outro, e é este Outro aquilo a que aspira, ao qual é devoto, ao qual aspira, quer aderir, dentro desse caminho’. Mas, eu, a que sou devota? A que aspiro? A que quero aderir? Quero fazer esse caminho? Olhei em volta, e o que vi? Muitos rostos: meu marido, meus filhos, amigos mudados, você, a Escola de Comunidade, o Papa com tudo aquilo que diz, e disse a mim mesma: é claro que posso dizer sim, é claro [essa pergunta é para cada um de nós; é claro que posso, mas essa é uma decisão que cada um deve tomar, uma verificação que cada um deve fazer, porque sem fazer a verificação que vence constantemente, o que prevalece será a sombra]! E, de repente, senti-me em paz e tranquila, repacificada com todos. A mente ficou vazia de todos os pensamentos maus que a enchiam [os pensamentos ruins enchem a nossa cabeça, e, portanto, essas dificuldades dizem respeito a todos nós] e intuí um pouco mais concretamente a questão da contemporaneidade de Cristo da qual você nos falava nos Exercícios, e vi que não funcionava repetir para mim mesma que o bem recebido permanecia como juízo sobre aquilo que tinha acontecido [mas é claro, não basta repetir, é preciso fazer experiência: se seguir não é fazer experiência, quando chegamos a certos momentos da vida, não é suficiente]. Se o bem não está presente agora, não serve, é abstrato e, nessa situação, mais que nunca, inútil. Não era suficiente para dar-me paz, para fazer-me sentir grata, desejosa de me lançar ao trabalho em relação a tudo – pensem, até a ser mãe! –. Vislumbro a oportunidade, para mim, nessa condição, de ir à profundidade da minha vocação, isto é, poder dizer ‘Tu’ a Jesus, e fiz experiência de que nada pode me impedir!”. Esse é o desafio que temos diante de nós, porque se o Senhor não nos poupou de nada é para o nosso amadurecimento. Mas isso não pode ser um slogan que repetimos para nos satisfazer. Não, precisamos ver na nossa experiência que isso nos faz amadurecer, nos faz crescer, nos faz sair da confusão, sem que permaneçam sombras. O desafio é muito maior do que podemos imaginar: realmente o Mistério insiste no pedido! Significa que o Senhor quer grandes coisas de nós, que está nos renovando se aceitamos sem medo o desafio da realidade, para poder emergir com uma consistência e com uma pureza infinitamente maiores, como disse o Papa hoje na audiência sobre Nossa Senhora, dentro das catequeses para o Ano da Fé: “A saudação do anjo a Maria é, portanto, um convite à alegria, a uma alegria profunda, anuncia o fim da tristeza que há no mundo diante do limite da vida, do sofrimento, da morte, da maldade, do escuro do mal que parece obscurecer a luz da bondade divina. É uma saudação que marca o início do Evangelho, da Boa Nova. [...] Encontramos [no caminho] momentos de luz, mas encontramos também passagens em que Deus parece ausente, o seu silêncio pesa em nosso coração e a sua vontade não corresponde à nossa, àquilo que nós queremos. Mas, quanto mais nos abrimos para Deus, acolhemos o dom da fé, quanto mais colocamos totalmente n’Ele a nossa confiança – como Abraão e como Maria – tanto mais Ele nos torna capazes, com a sua presença, de viver cada situação da vida na paz e na certeza da sua fidelidade e do seu amor. Porém, isso significa sair de si mesmo e dos próprios projetos [isto é, converter-se]. Como Maria pôde viver esse momento ao lado do Filho com uma fé tão firme, mesmo na obscuridade, sem perder a plena confiança na ação de Deus? [...] Maria colocava cada elemento, cada palavra, cada fato dentro do todo e o confrontava, o conservava, reconhecendo que tudo provém da vontade de Deus. Maria não para em uma primeira compreensão superficial daquilo que acontece em sua vida, mas sabe olhar com profundidade, deixa-se interpelar pelos acontecimentos, os elabora, os discerne [isto é, os julga], e adquire aquela compreensão que só a fé pode garantir”. É por isso que Cristo tornou-se carne: para poder nos acompanhar nesse caminho. Por isso, aceitar o desígnio através do qual Ele nos conduz será, para nós, a possibilidade de tocar com a mão a Sua vitória. E será, provavelmente, algo diferente daquilo que nós temos na cabeça, mas será, de qualquer forma, uma vitória.

## **AVISOS:**

**O texto da Assembleia Nacional da CdO** será publicada como “Página Um” em *Passos* de janeiro/fevereiro. Convido todos a lê-lo porque a meu ver pode nos ajudar a ter presente os critérios com os quais devemos estar diante dos desafios da situação atual, e a julgar as iniciativas nas quais tantos são mobilizados.

A próxima Escola de Comunidade [com Carrón] acontecerá na quarta-feira, 30 de janeiro, às 21h30. Retomaremos o conteúdo dos Exercícios dos Universitários de CL, que será publicado como um livreto anexado em *Passos* de janeiro/fevereiro.

Decidimos disponibilizá-lo a todos porque o que aconteceu nos Exercícios do CLU nos parece uma contribuição para viver o Ano da Fé e para mostrar o que é a fé. O conteúdo dos Exercícios foi, de fato, carregado de muitas perguntas e testemunhos que mostraram que Cristo é tão contemporâneo a ponto de recontecer através de uma humanidade. O próprio título dos Exercícios: “Alguém nos prometeu alguma coisa? Então, por que esperamos?”, é uma pergunta que interpela todos. Oferecer como contribuição aquilo que emergiu nos Exercícios, acho que é um bem para todos. Por isso, pedimos que vocês o proponham e difundam também entre seus amigos e nos seus ambientes de trabalho, porque a realidade urge.

*Veni Sancte Spiritus*

Bom Natal a todos vocês e a todos os que estão assistindo por vídeo.